

Capítulo 10

Ciclo monográfico: dos mitos à ciência da Escola Indígena Baniwa e Coripaco no Alto do Rio Negro

Monographic cycle: from myths to science in the Indigenous School Baniwa and Coripaco on the Rio Negro

Ciclo monográfico: de los mitos a la ciencia de la Escuela Indígena Baniwa Coripaco en el Alto Río Negro

Regina Célia Moraes Vieira, doutoranda da Universidade do Minho, Portugal, e professora da Secretaria de Educação do estado do Amazonas. Endereço: Av. Constantino Nery, 2503, cj. Jornalistas, bloco B, apto 103 – Chapada. CEP: 69050-050 – Manaus, AM. Telefone: (92) 3302-7197. E-mail: reginet101@yahoo.com.br.

Maria Auxiliadora de Souza Ruiz, doutora em Ciências da Educação pela Université de Versailles Saint (Quentin-em-Yvelines, França) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGECA), da Escola Normal Superior na Universidade do Estado do Amazonas (ENS/UEA). Endereço: Av. Constantino Nery, 2503, cj. Jornalistas, bloco B, apto 103 – Chapada. CEP: 69050-050 – Manaus, AM. Telefone: (92) 3302-7197. E-mail: aruiz@uea.edu.br; auxiliadoraruiz@msn.com.

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa em desenvolvimento na Escola Indígena Baniwa e Coripaco no Alto Rio Negro, refletindo sobre a necessidade de uma perspectiva intercultural de educação indígena. Ela tem como pressuposto fundamental a valorização de uma trilogia de fatores que reúne os saberes míticos dos indígenas, o acesso às tecnologias ocidentais e a questão do desenvolvimento sustentável dos povos do Rio Içana para melhorar suas condições de vida e possibilitar a atuação profissional dos seus jovens na região. Por fim,

pretendemos mostrar como a Escola Pamáli está desenvolvendo o ensino de Ciências no ensino fundamental e como esses três aspectos se articulam por meio de um ensino com pesquisa.

Palavras-chave: Interculturalidade. EIBC-Pamáli. Ensino de Ciências Via Pesquisa. Desenvolvimento Sustentável.

Abstract

This article discusses research developed on the Indigenous School Baniwa and Coripaco on the Rio Negro, reflecting on the need for an intercultural perspective of indigenous education. This perspective is essential for the recovery of a trilogy of factors that combine the myths of indigenous knowledge, access to Western technologies and the sustainable development of the people from the Içana River to improve their living conditions and promote the professional performance of the young people in the region. Finally, we intend to show how the Pamáli School is developing science education on the elementary school level and how the three above-mentioned aspects are articulated through teaching with research.

Keywords: Interculturality. EIBC-Pamáli. Science Education Through Research. Sustainable Development.

Resumen

Este artículo se refiere a un estudio en desarrollo en la Escuela Indígena Baniwa y Coripaco en el Alto Río Negro, al reflexionar sobre la necesidad de una perspectiva intercultural de la educación indígena. Tiene como premisa fundamental la valorización de una trilogía de factores que reúne el conocimiento mítico indígena, el acceso a la tecnología occidental y la cuestión del desarrollo sostenible de los pueblos del Río Içana para mejorar sus condiciones de vida y permitir el desempeño profesional de sus jóvenes en la región. Finalmente, pretendemos mostrar cómo la Escuela Pamáli está desarrollando la enseñanza de Ciencias en la educación primaria y cómo estos tres aspectos se articulan a través de una enseñanza con investigación.

Palabras clave: Interculturalidad. EIBC-Pamáli. Enseñanza de Ciencias por Estudios. Desarrollo Sostenible.

É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.

Boaventura Santos

Introdução

A proposta de ensino de Ciências desenvolvida na Escola Indígena Baniwa e Coripaco (EIBC/Pamáali)¹ tem como base filosófica uma visão intercultural da educação indígena, investindo na possibilidade de diálogo entre a cultura ocidental e os conhecimentos tradicionais. Essa constatação derivou de uma pesquisa de campo, em agosto de 2008, realizada junto às práticas de ensino dos professores da escola Pamáali, bem como do acesso às monografias produzidas pelos alunos, resultantes de pesquisas nas suas comunidades sobre os saberes míticos dos indígenas Baniwa e Coripaco e as questões ligadas às Ciências Naturais e ao desenvolvimento sustentável de suas comunidades. Por essa razão, o objetivo deste artigo é delinear como essa proposta de ensino diferenciada está sendo realizada e em que medida proporciona o fortalecimento da cultura Baniwa e Coripaco no Alto Rio Negro, articulando os saberes tradicionais indígenas aos conhecimentos tecnológicos e científicos da cultura nacional.

O artigo está dividido em três grandes tópicos, começando pela reflexão sobre interculturalidade e sobre como esse conceito se apresenta nas práticas de ensino da Escola Indígena Pamáali, considerando o processo histórico de implantação da escola. No segundo tópico, tentamos esclarecer a metodologia do ensino com pesquisa adotada na EIBC e sua relação com o ensino de Ciências na Amazônia. No terceiro e último tópico, apresentamos a proposta de produção das monografias Baniwa e Coripaco que a Escola Pamáali tem orientado como trabalho de conclusão de curso dos alunos. Essas monografias apresentam uma característica de integração de saberes míticos e científicos, estando estes mais relacionados com os problemas socioambientais encontrados nas comunidades dos

¹ Pamáali: nome dado à escola por razões mitológicas (lugar sagrado).

alunos. Essa proposta diferenciada de ensino que a Pamáali vem desenvolvendo há nove anos nos deixa estupefatos, quando vemos que, nas escolas urbanas, os alunos ainda estão aprendendo Ciências na base do lápis, do quadro e de aulas teóricas expositivas. E o mais interessante: os índios estão abertos aos saberes dos não índios e até admitem essa necessidade. O problema é que precisamos valorizar e respeitar a forma como eles processam o conhecimento. E, com humildade, aceitar a complementaridade entre as culturas.

1. Escola Pamáali: foco na interculturalidade

As escolas indígenas localizadas no Rio Içana, o rio das comunidades indígenas Baniwa e Coripaco, têm uma história de lutas e conquistas que começou a se concretizar a partir dos anos 1980. Historicamente, os povos dessa região têm empreendido uma série de reuniões e assembleias em que a preocupação por uma educação indígena Baniwa e Coripaco, alicerçada nos saberes cultivados por seus ancestrais, tem sido o cerne das discussões. Há também uma intencionalidade que agrega os conhecimentos “dos brancos”, como eles costumam falar, e essa predisposição em dialogar com a cultura ocidental tem origens no próprio processo histórico de subjugação e exploração que sofreram com as constantes invasões de seus territórios, assegurando-lhes menos uma condição de igualdade e de direitos socioculturais e econômicos do que uma condição de subalternos e de incapazes. Essa intencionalidade intercultural tem raízes na necessidade de defesa e de embate intelectual, como também na atual situação de desenvolvimento sustentável da região.

Na visão de Meunier e Freitas (2005), a questão da interculturalidade não pode ser pensada sem estar relacionada com o desenvolvimento sustentável, pois o respeito ao outro inclui o respeito ao ambiente, e não há mais lugar para interesses individuais em relação ao que se faz com a natureza. Pensar nas futuras gerações é pensar coletivamente e isso implica diálogo entre os povos e suas culturas.

Outra questão que demandaria urgência em se pensar uma educação diferenciada para os povos indígenas do Rio Içana

é a impossibilidade deles continuarem seus estudos em suas comunidades, tendo que migrar para as cidades de Manaus e São Gabriel da Cachoeira, tornando-se apartados de seus valores e de suas trajetórias socioculturais.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da EIBC, formalizado em janeiro de 2005, a partir dos anos 1980, começaram a funcionar as primeiras escolas de Ensino Fundamental de 1^a a 4^a série em algumas comunidades indígenas do Rio Içana. Essas primeiras escolas funcionavam com professores de outras comunidades não-Baniwas e Coripaco, pois o número de professores dessas etnias era em número bem reduzido. Assim, o ensino da língua materna desses povos não era efetivado na maioria das escolas e os alunos não podiam incluir-se em uma perspectiva de valorização dos conhecimentos tradicionais de seus antepassados, manifestados principalmente pela língua.

Com a fundação da Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi), em julho de 1992, por ocasião da I Assembleia Geral dos Povos Baniwa e Coripaco, realizada na comunidade de Juivitera, a possibilidade de uma escola ajustável aos objetivos desses povos começou a inscrever-se no processo de luta por uma educação indígena intercultural e bilíngue. A Oibi foi criada com o objetivo de formalizar um trabalho social e político na região do Içana, que, filiada à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), passou a fiscalizar as terras indígenas demarcadas e a implementar esforços em prol da autonomia dos povos Baniwa e Coripaco em relação à educação, à cultura e à saúde.

Dessa forma, em 16 anos de existência da Oibi, o número de escolas na região aumentou consideravelmente, passando de 20 para mais de 50 escolas municipais indígenas em funcionamento nas comunidades do Rio Içana. Um problema revelado é que a maioria dessas escolas não está conseguindo balizar sua filosofia pedagógica de acordo com uma proposta intercultural de ensino. O construto dos saberes que apregoam segue um currículo e uma metodologia muito aproximados daqueles das escolas urbanas e não consegue interligar os conhecimentos tradicionais ao programa de ensino em exercício.

É nesse contexto de insuperabilidade das amarras a um currículo e a um programa de ensino sem valorização da cultura

indígena Baniwa e Coripaco que as lideranças indígenas do Rio Içana pensaram a Escola Pamáali como uma experiência diferenciada de educação indígena, em que o ensino de Ciências, fortemente ligado aos problemas ambientais e sustentáveis da região do Alto Rio Negro e da Amazônia como um todo, tem uma expressiva relação com o fortalecimento dos mitos de origem desses povos. Essa relação será explicitada no tópico que desenvolveremos sobre a metodologia de ensino com pesquisa adotada pela escola.

1.1. Processo de implantação da escola EIBC-Pamáali: um breve histórico

De acordo com os registros encontrados em documentos da secretaria da escola EIBC (documentos, relatórios, PPP)², ela iniciou suas atividades em agosto de 2000, com a primeira turma de ensino fundamental. O processo de construção do projeto Pamáali tem um histórico de quatro grandes encontros anuais sobre a educação indígena na região do Içana (1995, 1996, 1997 e 1999). No período entre 1998 e 2000, ocorreram oficinas com os professores, realizadas pelos consultores do ISA³, que, em parceria com a FOIRN, apoiam os processos pedagógicos. Em setembro de 1999, iniciou-se a construção das casas: salas de aula, cozinha, moradia para os professores e alunos, casa da farinha, casa do combustível, secretaria, biblioteca, administração, refeitório. Atualmente, todas as casas precisam de reformas e, segundo depoimentos dos professores, não existem recursos financeiros para fazer os ajustes necessários.

O local para a construção da escola não foi escolhido aleatoriamente. Como tudo na cultura indígena, esse local tem um significado de caráter ancestral e mítico. Conforme o que está registrado no dossiê da escola Pamáali, a escola foi construída em uma área onde antigamente era a terra sagrada dos Waliperi-Dakenai, chamados de Hemapana. Esses ancestrais originaram os Baniwa e Coripaco, que hoje são subdivididos em fratrias que descendem dos mesmos irmãos ancestrais. Toda vez que esses subgrupos querem ocupar uma área, deve ser de acordo com o território étnico em que cada povo tinha seus lugares sagrados. O nome Pamáali é devido ao nome de um guerreiro chamado Paanhali, que foi morto com suas armas de guerreiro e jogado no igarapé que circunda toda a área da escola, hoje chamado de igarapé Pamáali.

² Por ocasião da pesquisa de campo, realizada em agosto de 2008.

³ Instituto Socioambiental não governamental com sede em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Em 2004, foi aprovado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pelo Conselho Municipal de Educação. Hoje, a escola funciona também com o ensino médio, criado em agosto de 2007, mas ainda não está reconhecido pela Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, um fato que tem norteador as discussões em encontros com as lideranças indígenas do Içana e com as autoridades políticas do estado. Em relação às iniciativas e objetivos para a criação da escola, consta no PPP:

De acordo com a Resolução n. 03/99, do Conselho Nacional de Educação, que fixa as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas, a escola Páanhali tem como objetivo o ensino intercultural e bilíngue, visando a valorização plena das culturas Baniwa e Coripaco e a afirmação e manutenção de suas identidades étnicas (art. 1º). Ainda de acordo com essa resolução, a escola está sendo criada em atendimento à reivindicação e por iniciativa das comunidades interessadas (EIBC, 2005)⁴.

Após oito anos de funcionamento, contando com o apoio de instituições como Funai, ISA, Oibi, FOIRN, Secretaria Municipal de Educação de São Gabriel da Cachoeira e Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena do Amazonas, a Escola Indígena Baniwa e Coripaco-Pamáali está em um processo de construção de um ensino diferenciado, que tem como propósito fundamental manter os seus jovens nas suas comunidades, para que possam reconhecer-se como cidadãos Baniwa e Coripaco, como aqueles que irão conduzir as futuras gerações e garantir a proliferação de sua cultura e de sua subsistência alimentar, social e econômica.

Tal preocupação tem mobilizado as estratégias indígenas do Rio Içana em direção a uma política de educação intercultural, sem medo de perder suas raízes míticas e históricas. Pelo contrário, eles apostam em uma relação harmoniosa com os conhecimentos dos não índios, mesmo porque o que está em jogo não é apenas uma preservação da língua e dos saberes tradicionais dos povos indígenas do Alto Rio Negro, mas também a problemática de sustentabilidade da Amazônia, que implica um diálogo necessário entre todos os agentes responsáveis pelos males ou benefícios causados à biosfera e à humanidade como um todo.

⁴ Cf. art. 2º, item IV, § único, do Projeto Político Pedagógico.

Em relação a essa questão, muitos são os teóricos e pesquisadores (FISCHMAN, 2008; GADOTTI, 2008; WALDMAN, 2006; MORIN, 2008; SANTOS, 2008) que, na atualidade, discutem a complexidade de um sistema planetário em decadência, cuja causa principal é o não reconhecimento das diferenças e da ausência do outro nos nossos planos. É como afirma Gadotti (2008, p. 4):

Chamo de vida sustentável o estilo de vida que harmoniza a ecologia humana e a ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e empenho individual. É um estilo de vida intencional, que se caracteriza pela responsabilidade social, pelo serviço aos demais e por uma vida espiritual significativa.

Gadotti traz um conceito que acaba irradiando a necessidade de termos uma “vida espiritual significativa”⁵, algo transcendental que possa explicar e dar sentido à existência humana, o que, aliás, entre os povos tradicionais, é fundamental.

2. O ensino com pesquisa: implicações para o ensino de Ciências na Amazônia

Um dos grandes problemas da educação nos dias de hoje é tornar o ensino uma atividade significativa para o aluno. Outro problema é inserir o professor em uma lógica de ensino que atenda a esse desafio. A grande questão é: que escola nós estamos fazendo? Uma certeza nós temos: essa escola que construímos não serve. Não faz o aluno aprender. Não integra o grupo de professores. Não integra os alunos. Não desperta a vontade de descobrir coisas. Não educa para a solidariedade e o respeito. Não compartilha ações. Não atribui responsabilidade aos alunos. Não valoriza a arte. Não faz o aluno perguntar. Não constrói quase nada em conjunto, porque não pensa junto. Não consegue formar “gentes”.

Essas afirmações são representativas de uma realidade educacional vivenciada em muitas escolas brasileiras da “sociedade envolvente”, como afirmam os indígenas. São expressões de experiências educacionais em curso, que nos levam a refletir sobre o quanto precisamos mudar as nossas concepções de ensino e de aprendizagem, as nossas

⁵ Grifo pessoal.

metodologias e a nossa posição de apenas “ensinantes”. Segundo Severino,

[...] a atividade de ensinar e aprender está intimamente vinculada ao processo de construção do conhecimento, pois ele é a implementação de uma equação de acordo com a qual educar significa conhecer; e conhecer [...] significa construir o objeto; mas construir o objeto significa pesquisar (2007, p. 25).

A compreensão da pesquisa como parte do ensino e do processo de aprendizagem se constitui em uma proposta que geralmente só é desenvolvida quando os alunos chegam à universidade. Nas escolas de ensino fundamental e médio, salvo algumas exceções, não se dá a devida importância à pesquisa como aquela que propicia posturas diferentes de construção do conhecimento. Buscar alternativas nesse sentido poderia (re) significar as práticas de ensino nas escolas, principalmente no ensino de Ciências.

Muitas vezes, é difícil imaginar uma aula de Física, Química, Biologia, Matemática sem atividades que levem a um experimento, a uma observação de uma planta, a um passeio ao museu ou ao zoológico, a uma situação que provoque a relação abstrato-concreto. Conforme Severino (2007), essa relação se concretiza quando o ensino considera a pesquisa como a via de acesso à experiência e, a partir dela, à sistematização dos conceitos.

2.1 A experiência de ensino com pesquisa na Escola Pamáali: o ciclo monográfico

A prática de ensino com pesquisa é uma escolha metodológica da EIBC-Pamáali por contemplar uma filosofia de educação voltada para a realidade, para os objetivos das comunidades do Rio Içana e para a sustentação da cultura Baniwa e Coripaco para as gerações atuais e futuras. Tem em seu cerne os problemas de desenvolvimento sustentável dos povos indígenas que habitam o Alto Rio Negro, tendo em vista que “os

povos indígenas da região desenvolveram, ao longo de milênios, formas sofisticadas de adaptação ao meio ambiente, conhecida como a mais pobre de toda a Amazônia, pela baixa fertilidade e acidez de suas terras e pobreza dos rios em peixes” (MAPA LIVRO, 1998, p. 10).

Nesse contexto de dificuldades, ao lidarem com a carência de alimentos fornecidos pela terra e pelos rios, os Baniwa e Coripaco precisam investir em práticas alternativas de sobrevivência. Por isso, estão pensando uma escola indígena que, desde o ensino fundamental, crie nos estudantes um vínculo com os lugares que habitam; não apenas um vínculo cultural, aprendendo com os velhos, pajés ou mestres os seus mitos e suas tradições sociais, mas também uma ligação com as possibilidades de conhecimento dos recursos naturais da região.

Esse duplo objetivo se concretiza por meio da pesquisa nas comunidades de origem de cada aluno. A cada dois meses de estudo na Escola Pamáali, os alunos têm um recesso de um mês em suas comunidades. Lá, estudam os problemas e as potencialidades que podem ser objetos de pesquisa. Fazem registros e coletam informações, materiais do solo e da água, plantas, espécies de alimentos, peixes, insetos etc. Buscam também o conhecimento com os velhos e com os pajés sobre os mitos Baniwa e Coripaco que explicam a origem dos objetos que pretendem investigar. Procuram saber, por exemplo, como surgiu a pimenta Baniwa, segundo seus ancestrais. Ao retornarem para a escola, eles aprendem a lidar com as tecnologias que podem utilizar como alternativas na produção de alimentos, na pesca, no cultivo de plantas medicinais e na criação de animais que possam suprir a escassez da caça.

Essa relação com as tecnologias alternativas e sustentáveis, provenientes da cultura nacional, tem sido corroborada pela compreensão dos indígenas Baniwa e Coripaco sobre os processos de desequilíbrio da natureza e da necessidade de conhecer as potencialidades do ecossistema que os cerca e sobre o qual precisam saber mais. Esse conhecimento se torna imprescindível para eles, pois as dificuldades ambientais que enfrentam são de natureza alimentar e predatória. Os recursos naturais de que dispõem já não são muitos e, se não forem resguardados e consumidos com prudência, não haverá futuro para as próximas gerações.

É nesse sentido que uma educação conectada com os saberes científicos da cultura ocidental pode auxiliá-los na implementação de alternativas sustentáveis. Essa é apenas uma das razões importantes para que os índios do Rio Içana tenham interesse por uma educação intercultural. Na verdade, o propósito de uma escola com esse perfil abrange outras necessidades fundamentais, como a importância de serem bilíngues e de terem direito de continuar seus estudos, cursando uma universidade estruturada nos moldes ocidentais, dos quais precisam ter conhecimento, sem ignorar, é claro, o processo de luta pela construção de uma universidade indígena, ainda bastante remota sob o ponto de vista de concretização.

3. Monografias Baniwa e Coripaco: um construto de saberes entrelaçados

Os alunos da Escola Pamáali, ao terminarem o ensino fundamental, que tem uma duração de quatro anos, sistematizam as pesquisas que realizaram em suas comunidades em forma de monografias. Essas produções constituem-se em material informativo, contendo os resultados ou as conclusões importantes sobre as questões sociais, culturais e ambientais investigadas.

De acordo com a metodologia de ensino com pesquisa adotada na escola, os professores orientam os alunos a escolherem um tema que seja de sua curiosidade e interesse. Essa escolha geralmente está associada aos aspectos mitológicos da cultura Baniwa e Coripaco, sem, contudo, descartar a ligação desses saberes com aspectos da cultura científica trabalhada nas aulas práticas e teóricas sobre os conteúdos das disciplinas “Línguas Baniwa e Portuguesa”, “Ciências da Natureza” e “Cultura, Artes e Educação Física”. Essas disciplinas correspondem ao núcleo comum do currículo adotado na escola. As atividades correspondentes ao núcleo profissionalizante foram observadas em algumas ações de campo, mais especificamente voltadas para o manejo ambiental.

O acesso à leitura das monografias produzidas pelos 17 alunos que concluíram o ensino fundamental oportunizou uma análise dos

tipos de mitos que predominam nas etnias Baniwa e Coripaco, tendo como base os aportes teóricos de Eliade (2000), Cruz (2008) e Chauí (1999). Os temas pesquisados pelos alunos, além de estarem ligados às questões das disciplinas, são norteados pelos temas transversais: “Política, direitos e movimentos indígenas”, “Ética Baniwa”, “Política e Educação para a Saúde” e “Desenvolvimento sustentável”.

A transversalidade se constitui em uma diretriz temática do processo ensino-aprendizagem desenvolvida na escola. A partir de um tema transversal inerente aos objetivos políticos e pedagógicos da Pamáali, são pensadas as indexações dos conteúdos curriculares, por meio de aulas práticas e teóricas. Os temas transversais são pensados em consonância com o contexto das comunidades dos alunos e possibilitam a articulação entre propósitos curriculares do núcleo comum e os propósitos de formação profissional via pesquisa.

Das 17 monografias analisadas, referentes à primeira turma de alunos que concluiu o ensino fundamental, a maioria reflete os conhecimentos tradicionais dos povos Baniwa e Coripaco, ou seja, os alunos, ao pesquisarem, se interessaram mais pelos aspectos socioculturais, envolvendo fortemente a mitologia Baniwa. Três monografias mesclaram os saberes tradicionais com os conhecimentos da cultura ocidental, reforçando a necessidade desses povos de construir alternativas sustentáveis e econômicas para suas comunidades. Assim, as três temáticas refletiram os trabalhos técnicos realizados em campo sobre o manejo sustentável, considerando também as implicações políticas e históricas dos movimentos indígenas do Rio Içana. Constata-se, portanto, que há uma mesclagem de interesses, que reúne conhecimentos tradicionais, sustentáveis, históricos e políticos.

Em relação às temáticas mitológicas desenvolvidas, observou-se uma diversidade de conhecimentos tradicionais relacionados à cosmogonia, como: a origem da tribo Dzawinai (Comunidade Juivitera); a origem do grafismo usado no artesanato de arumã; plantas tradicionais Baniwa; a educação tradicional Baniwa; instrumentos musicais Baniwa; parto tradicional Baniwa; o arumã na cultura Baniwa; a origem da chuva; a piracema hoje e sua origem. Os temas referentes ao desenvolvimento sustentável relacionaram o que se fazia no

passado com o que se faz no presente, ou seja, focaram uma pesquisa pragmática sobre como os povos indígenas do Alto Rio Negro estão lidando com as problemáticas ambientais futuras, a partir de práticas tradicionais antigas e modernas, com o uso adequado de tecnologias sustentáveis.

A preocupação desses povos com as práticas tradicionais Baniwa e Coripaco em relação à pesca, à caça e ao manejo ambiental no Rio Içana justifica o ciclo monográfico que hoje se desenvolve na EIBC, a saber, uma atividade que conecta de forma cíclica o ensino de Ciências via pesquisa, a origem mitológica dos objetos de estudo e a sustentabilidade atrelada às pesquisas realizadas pelos alunos (Anexo 1 – ciclo monográfico).

Buscando em Eliade (2000) o conceito de mito, ele afirma que “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (p. 11). E ainda intensifica esse conceito quando diz que:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido num tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’ [...] O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (p.11).

Diante dessa afirmação, podemos entender que os povos Baniwa e Coripaco têm uma relação muito forte com os mitos de natureza cosmogônica, isto é, com os mitos de origem, desde que imbricados no mistério da criação. Esses mitos de origem, segundo Eliade, prolongam e completam o mito cosmogônico e remetem a memórias coletivas mágico-religiosas que retratam as façanhas dos entes naturais como modificadoras de realidades. É assim que os Baniwa e Coripaco explicam o surgimento de objetos, animais, plantas, lugares e fenômenos naturais que os afetam. É nessa lógica que explicam comportamentos sociais e hierárquicos.

A ligação dos Baniwa com o cosmo e a natureza tem se revelado em muitos comportamentos socioculturais manifestados por eles.

Durante a pesquisa de campo, pudemos observar alguns fragmentos dessa relação entre mito e realidade. Não presenciamos apenas o lado profano desses mitos, mas também um lado sagrado. Um exemplo claro dos vestígios desse sagrado foi um fato narrado pelos alunos, ao fazermos a trilha das Ciências em uma mata fechada de Pamáali. Um dos alunos falou: “aqui tudo é sagrado, as árvores estão olhando para você, elas estão vivas. Se você estiver menstruada, algo de muito ruim pode acontecer, não só com a pessoa, mas com todos que estão com ela”. Contaram que, em outro momento, uma pesquisadora foi atingida por uma árvore que, simplesmente do nada, caiu na direção dela e por poucos centímetros não a atingiu. Outra situação parecida pode ser identificada em uma das monografias em que o aluno escreve que “durante a pesquisa eu tive dificuldade em definir os instrumentos musicais que seriam desenhados em meu trabalho, pois as flautas que as mulheres não podem ver foi a grande dúvida minha, se podia ou não desenhar. Em reunião com os velhos, eu descobri que não podia” (aluno da Escola Pamáali).

Quando Eliade (2000) comenta que uma das principais funções do mito é trazer à realidade modelos exemplares de comportamento é porque os mitos acabam regimentando atividades humanas significativas. Propiciam o tolhimento de ações que não seriam reguladas de outra forma. E essa função do mito se revela na alimentação, no trabalho, no casamento, na educação, na arte e na sabedoria.

Dito de outra forma, alguns mitos ainda estão vivos. Alguns ainda se manifestam nos pensamentos dos homens, sejam eles arcaicos ou não, porque são constituintes da natureza humana. Pensar miticamente a nossa origem e do mundo não é um pressuposto exclusivo dos povos tradicionais. No entendimento de Cruz (2008), “as preocupações religiosas são as preocupações humanas mais básicas. De onde viemos? Para onde vamos? Como devemos nos comportar? Que também são aquelas da ciência contemporânea” (p. 71).

Segundo Chauí (1999), o pensamento mítico tem três funções: explicativa, organizativa e compensatória. A primeira função busca explicar o presente a partir de alguma ação passada que é ritualizada,

a ponto de reviver os tempos primordiais. É o que se observa, por exemplo, nas monografias Baniwa e Coripaco que trazem a explicação de como se originaram a chuva, as árvores de arumã, algumas plantas medicinais, um determinado peixe, os instrumentos musicais etc. As narrativas contadas por eles são revividas e rememoradas.

A segunda função do mito é organizar as relações sociais de parentesco, de alianças, de trocas, de casamento, de educação etc. Essa função está também explícita em algumas monografias Baniwa e Coripaco, como aquelas que mostram como esses povos educam seus filhos (a educação tradicional Baniwa); como as mulheres devem proceder na gravidez (parto tradicional Baniwa); como se originou uma determinada tribo (a origem da tribo Dzawinai).

A terceira e última função do mito é a compensação. O mito narra uma situação passada que, no presente, manifesta-se como um erro que foi corrigido ou representa uma compensação por alguma perda. É o caso, por exemplo, da escolha do local para a construção da escola Pamáali; outrora um lugar de martírio de um índio guerreiro, que hoje se constitui no lugar ideal para realizar um feito, um sonho dos Baniwa e Coripaco. Esse lugar hoje é sagrado.

As monografias Baniwa e Coripaco estão sendo organizadas e revisadas para, futuramente, serem utilizadas como material didático nas escolas de ensino fundamental indígenas do Rio Içana, principalmente nas turmas dos pequenos, as futuras lideranças e gerações desses povos. Tem sido uma proposta de ensino piloto; uma experiência que pretende se configurar como a mais apropriada ao contexto e à filosofia de educação indígena dos povos do Alto Rio Negro. Tem sido uma prática que se fortalece a cada dia, mesmo com todas as dificuldades logísticas que os povos do Alto Rio Negro enfrentam.

Conclusão

A experiência desenvolvida na Escola Indígena Baniwa e Coripaco, situada no médio Rio Içana, no Alto Rio Negro, Amazonas, tem sinalizado que o processo de ensino de Ciências na Amazônia

não pode abster-se de metodologias que tenham como principais métodos a experimentação, as atividades de campo e o ensino com pesquisa. O ensino das Ciências Naturais no ensino fundamental deve ter uma estreita relação com o conhecimento da realidade em que os fenômenos naturais se manifestam e, no caso da educação indígena, para além dos conhecimentos empíricos, deve-se conduzir um ensino com pesquisa que investigue os mitos ou narrativas que sustentam a filosofia de vida dos índios.

A educação indígena no Alto Rio Negro, particularmente na região do Rio Içana, tem avançado grandemente nas questões ambientais ao mostrar-se imbricada com as alternativas de desenvolvimento sustentável. Os alunos que participam de um projeto diferenciado de estudo, como é o caso da Escola Pamáali, aprendem que a responsabilidade pelas questões socioculturais e socioambientais do seu povo perpassa pelo sentimento de pertencimento, de integração das comunidades em lutar por uma educação que corresponda aos seus interesses, contextos e suas necessidades. Perpassa também pelo direito de se pensar uma escola que desenvolva um currículo coerente com os propósitos políticos e de subsistência desses povos, inclusive e principalmente com o apoio do Estado.

Essa experiência junto às comunidades indígenas do Rio Içana representa um aprendizado concreto da forma como os indígenas do Alto Rio Negro estão sendo desafiados a não aceitar uma escola que não esteja conectada com suas condições existenciais. As dificuldades que enfrentam são inúmeras, a começar pela difícil geografia do lugar, que dificulta o acesso dos alunos à escola.

Atualmente, os professores indígenas da EIBC-Pamáali estão implementando o Ensino Médio Integrado Indígena. Este ensino ainda não está reconhecido, mas estão seguindo a mesma metodologia e o mesmo currículo adotados no ensino fundamental. Acreditamos que a Ciência concreta dos povos primitivos, identificada por Lévi-Strauss (1989), está começando a ser sistematizada na Escola Pamáali, o que nos leva a indagar se não precisamos aprender com eles, porque a nossa escola, essencialmente abstrata, não está conseguindo fazer os alunos aprenderem e nem gostarem da escola que frequentam.

Talvez esteja na hora de reconhecermos que os índios têm muito a nos ensinar e, quem sabe, juntos, possamos inventar uma nova forma de aprender e ensinar Ciências.

Recebido em 31/08/2010

Recomendado pela Comissão em 13/07/2011

Aprovado em 11/10/2011

Referências bibliográficas

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CRUZ, E. R. de. Origens, míticas e científicas. *Ciência e cultura*, São Paulo, n. especial 1, p. 42-50, jul. 2008.

EIBC. Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Baniwa e Coripaco. EIBC, 2005.

ELIADE, M. Mito e realidade. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FISCHMAN, R. Ciência, tolerância e estado laico. *Ciência e cultura*, São Paulo, n. especial 1, p. 42-50, jul. 2008.

GADOTTI, M. Educar para uma vida sustentável. *Pátio*, Porto Alegre, ano XII, v. 46, p. 13-15, maio/jul. 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. São Paulo: Papyrus, 1989.

MAPA LIVRO. Povos Indígenas do Alto Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 1998.

MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MEUNIER, O.; FREITAS, M. de. Culturas, técnicas, educação e ambiente: uma abordagem histórica do desenvolvimento sustentável. IN: FREITAS,

M. de (Org.). Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza. Manaus: Edua, 2005, p. 107-142.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as Ciências. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

WALDMAN, M. Meio ambiente e antropologia. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

Anexo 1

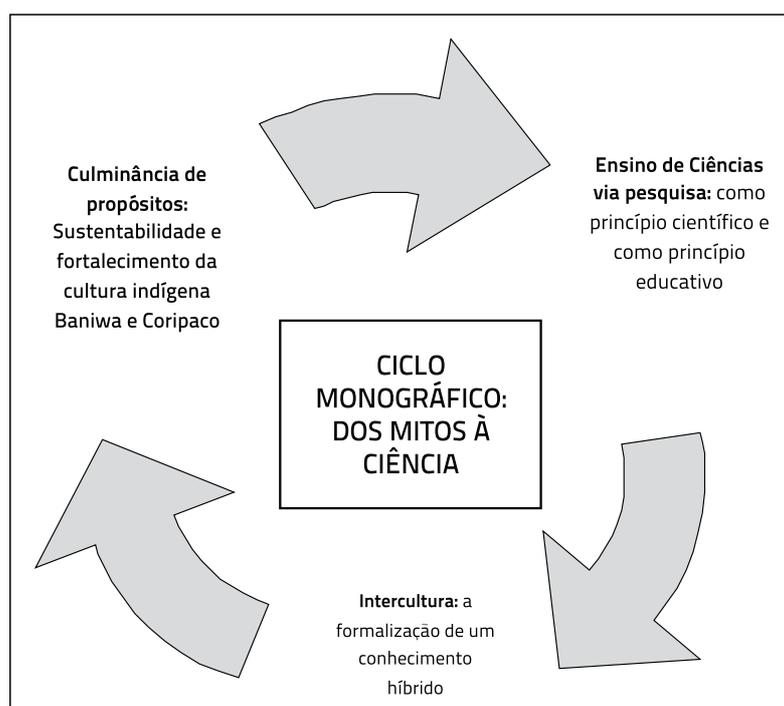


Gráfico 1. Ciclo monográfico